

Enclave, Pregância e Fragmento

Palimpsestos e Unidades de Paisagem da Região Portuária do Rio de Janeiro

ET4: Dimensão histórica e patrimonial do projeto, do planejamento e da gestão da paisagem

Natália de Freitas Cruz

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
(FAU), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil.

E-mail: natalia.cruz@fau.ufrj.br

Felipe Barros

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
(FAU), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil.

E-mail: felipe.lima@fau.ufrj.br

Julia Kuner de Oliveira Henriques

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
(FAU), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil.

E-mail: julia.henriques@fau.ufrj.br

Resumo

O artigo analisa a Região Portuária do Rio de Janeiro por meio do método de compartimentalização da paisagem, aplicado na disciplina Arquitetura da Paisagem (PROARQ-UFRJ). Partindo da concepção da paisagem como palimpsesto urbano — em que tempos, formas e significados se sobrepõem — busca-se compreender as dinâmicas de permanência e transformação que caracterizam esse território. A metodologia, proposta por Magalhães, Manetti e Tângari (2013), articula critérios físicos, morfológicos e simbólicos para dividir o espaço urbano em compartimentos e unidades de paisagem, permitindo uma leitura multiescalar. Aplicada à área portuária, resultou na identificação de quatro compartimentos, entre os quais o Compartimento 2 (Morros e Franjas) se destacou pela condição de transição entre o relevo e a planície portuária. No interior desse compartimento, a Unidade de Paisagem 2d — situada entre os Morros da Saúde e da Providência — foi analisada em profundidade, revelando-se um enclave morfológico e uma pregnância simbólica, marcada pela compressão entre estruturas industriais remanescentes, frentes recentes de urbanização e tramas residenciais históricas. A análise evidencia que a Região Portuária constitui um espaço em constante reescrita, no qual fragmentos materiais e imateriais se entrelaçam. Conclui-se que o método adotado oferece ferramenta eficaz para interpretar a cidade como sistema relacional e histórico.

Palavras-Chave: Região Portuária do Rio de Janeiro; Centro Histórico; Unidade de Paisagem; Palimpsesto Urbano; Fragmento.

Abstract

The article analyzes the Port Region of Rio de Janeiro through the landscape compartmentalization method, applied in the Landscape Architecture course (PROARQ-UFRJ). Based on the conception of the landscape as an urban palimpsest — in which times, forms, and meanings overlap — the study seeks to understand the dynamics of permanence and transformation that characterize this territory. The methodology, proposed by Magalhães, Manetti, and Tângari (2013), articulates physical, morphological, and symbolic criteria to divide urban space into landscape compartments and units, enabling a multiscalar reading. Applied to the port area, it resulted in the identification of four compartments, among which Compartment 2 (Hills and Fringes) stood out due to its transitional condition between the relief and the port plain. Within this compartment, Landscape Unit 2d — located between Morro da Saúde and Morro da Providência — was analyzed in depth, revealing itself as a morphological enclave and a symbolic persistence, marked by the compression among remaining industrial structures, recent urbanization fronts, and historical residential fabrics. The analysis shows that the Port Region constitutes a space in constant rewriting, in which material and immaterial fragments intertwine. It is concluded that the adopted method provides an effective tool for interpreting the city as a relational and historical system.

Keywords: Port Area of Rio de Janeiro; Historic Center; Landscape Unit; Urban Palimpsest; Fragment.

1. Introdução

A Região Portuária do Rio de Janeiro constitui um dos espaços mais complexos da formação urbana da cidade. Situada entre os morros da Saúde, da Providência e do Livramento e a faixa de aterros da Baía de Guanabara, essa área revela a sobreposição de tempos e marcas que caracterizam o processo de urbanização carioca. Desde o início da cidade, o porto exerceu papel estruturante, sendo cenário de intensas transformações morfológicas e simbólicas. A pesquisa integra um trabalho desenvolvido na disciplina Arquitetura da Paisagem (PROARQ-UFRJ), voltado à aplicação de um método de compartimentação da paisagem. Inspirada em Magalhães, Manetti e Tângari (2013), a análise do recorte da Região Portuária, articula leituras físicas, morfológicas e simbólicas. A aplicação do método resultou na definição de quatro compartimentos de paisagem. Entre eles, o Compartimento 2 – Morros e Franjas – destacou-se por sua posição de transição entre o sistema de morros e a planície portuária. Sua subdivisão originou diversas Unidades de Paisagem, entre as quais a Unidade 2d, situada entre os morros da Saúde e da Providência, foi selecionada para análise detalhada.

A necessidade de compreender como essas camadas físicas, históricas e simbólicas se organizam espacialmente e temporalmente surgiu como principal mobilizador de nosso interesse. A UP2d configura uma situação morfológica e simbólica díspar em relação ao seu entorno, condicionada pela compressão entre o relevo, as frentes recentes de urbanização e as estruturas industriais remanescentes, o que lhe confere uma persistência marcada por camadas históricas ainda legíveis apesar das pressões contemporâneas. O objetivo do artigo é compreender as particularidades da Unidade 2d no contexto da Região Portuária, a partir do método de compartimentação da paisagem, articulado às chaves conceituais mencionadas. Parte-se da hipótese de que a análise dialógica entre critérios físicos e simbólicos revela estruturas e dinâmicas que configuram a paisagem portuária, evidenciando como as camadas materiais e imateriais da UP2d se sobrepõem e se transformam. Mobilizamos, assim, a noção de palimpsesto, utilizando conceitos como fragmento, pregnância e enclave como chaves de leitura complementares à aplicação do método.

O texto se organiza acompanhando o percurso metodológico da disciplina e, em seguida, a leitura do território. Inicialmente discute-se a fundamentação teórico-metodológica e os conceitos utilizados para a análise urbana da região escolhida. Em seguida, apresenta-se a evolução histórica e espacial da Região Portuária e a identificação dos compartimentos. Por fim, a análise se aproxima da escala local, aprofundando a UP2d e seus vínculos afetivos e simbólicos, e concluindo com uma reflexão sobre as potencialidades do método e das chaves de leitura adotadas. Em síntese, busca-se evidenciar a paisagem portuária como território de múltiplas camadas, no qual permanência e transformação se entrelaçam na construção contínua do lugar.

2. Fundamentação Metodológica e Teórica

Neste estudo, adotamos o conceito de Unidade de Paisagem (Magalhães; Manetti; Tângari, 2013), entendido como recorte relativamente homogêneo definido pela relação entre suporte físico, drenagem, vegetação e forma de ocupação. O método — desenvolvido na disciplina Arquitetura da Paisagem (SEL/FAU-UFRJ) — articula Compartimentos e Unidades em quatro escalas urbanas (metropolitana, compartimentos, unidades e local), evitando tanto generalizações excessivas quanto leituras restritivas, ao mesmo tempo em que permite alterar hierarquias de análise conforme o local. Inicialmente, caracterizamos o Compartimento 2 (C2), em sua conformação morfológica, topográfica e histórica. Em seguida, aprofundamos a Unidade 2d, examinando-a segundo cinco fatores — Suporte Físico, Estrutura Morfológica, Conflitos Socioambientais, Padrões de Ocupação e Signos de Afetividade — cuja articulação permite compreender suas relações internas. O procedimento envolveu a construção da base topográfica, histórica e social; o reconhecimento dos compartimentos conforme os fatores de análise hierarquizados; a definição das unidades; sua caracterização; e, por fim, a análise detalhada da UP2d em vínculo com o C2 e com a Região Portuária.

Esta metodologia fundamenta-se em conceitos que orientam a compreensão das paisagens urbanas. Para Schlee, Souza, Rego e Rheingantz (2009), o território articula dimensões físicas, socioeconômicas, simbólicas e perceptivas, configurando o espaço onde se enraízam vínculos e identidades coletivas. A paisagem, ao mesmo tempo material e simbólica, resulta da interação entre elementos físicos e práticas sociais, reunindo aspectos morfológicos, funcionais e históricos. Quanto ao conceito de sistema, entende-se como um conjunto de relações funcionais e estruturais que se manifestam em múltiplas camadas, articulando elementos físicos e significados atribuídos pelos sujeitos. Essa perspectiva evidencia que o espaço urbano opera como totalidade dinâmica, constituída por interdependências internas e externas. O conceito de espaço envolve estrutura, função e lugar, articulando aspectos formais e simbólicos. Para Santos (1996), o espaço reúne sistemas de objetos e ações, coexistindo temporalidades distintas e múltiplos ritmos. Assim, a cidade histórica deve ser compreendida como campo de sobreposição de camadas e permanências, nas quais a paisagem manifesta resultados visíveis de processos sociais ao longo do tempo.

Pesavento (2004) descreve o trabalho historiográfico como o ato de presentificar ausências e administrar a memória coletiva, selecionando o que deve ser lembrado. O espaço construído, atravessado por forma, função e significado, carrega sempre a presença do tempo como memória. A cidade, destruída, renovada ou modificada, conserva camadas materiais e imateriais inscritas no território, revela, portanto, o palimpsesto, entendido aqui como perspectiva interpretativa da UP2d — no qual cada

tempo se sobrepõe sem apagar inteiramente os anteriores. A sobreposição de fragmentos — de cidades anteriores, tempos distintos e espacialidades pretéritas — produz uma coexistência de tempos distintos no presente. A analogia textual reforça a ideia de transtextualidade urbana: como um texto dialoga com outros, cada cidade se relaciona com suas antecessoras, mobilizando memórias, formas e imagens sedimentadas. A cidade torna-se, assim, mais que espaço construído: é um reservatório de sentidos que se ocultam e se reinterpretam. O reconhecimento de vestígios que atravessam camadas urbanas aproxima esse palimpsesto da Arquitetura Analógica de Aldo Rossi e introduz outra chave de leitura da UP2d: o fragmento, elemento capaz de condensar experiências e sobrevivências formais que estruturam a memória, traz consigo memórias e necessidades de tempos distintos.

A analogia relaciona, por semelhança, fragmentos da memória individual e coletiva. Não arbitrárias, as novas relações e consolidações são condicionadas pelo contexto. Imagens tornam-se materiais recombinaíveis, permitindo reorganizar vestígios heterogêneos em novas conformações de sentido. Revela-se, a partir disto, repetições estruturais e sociais, ainda que fragmentárias, no interior das sucessivas camadas urbanas — repetições as quais, em Rossi, fundamentam a noção de tipologia. Emergem, a partir da abordagem destas dinâmicas, também as chaves analíticas propostas por Tângari (2009): o enclave alude à condição espacial singular produzida por tensões topográficas e sociais enquanto a pregnância, por sua vez, diz respeito à força de permanência de certas formas. Ambas contribuem para interpretar a UP2d como configuração persistente e comprimida entre dinâmicas divergentes e fragmentárias.

3. Contextualização

3.1 Região Portuária do Rio de Janeiro

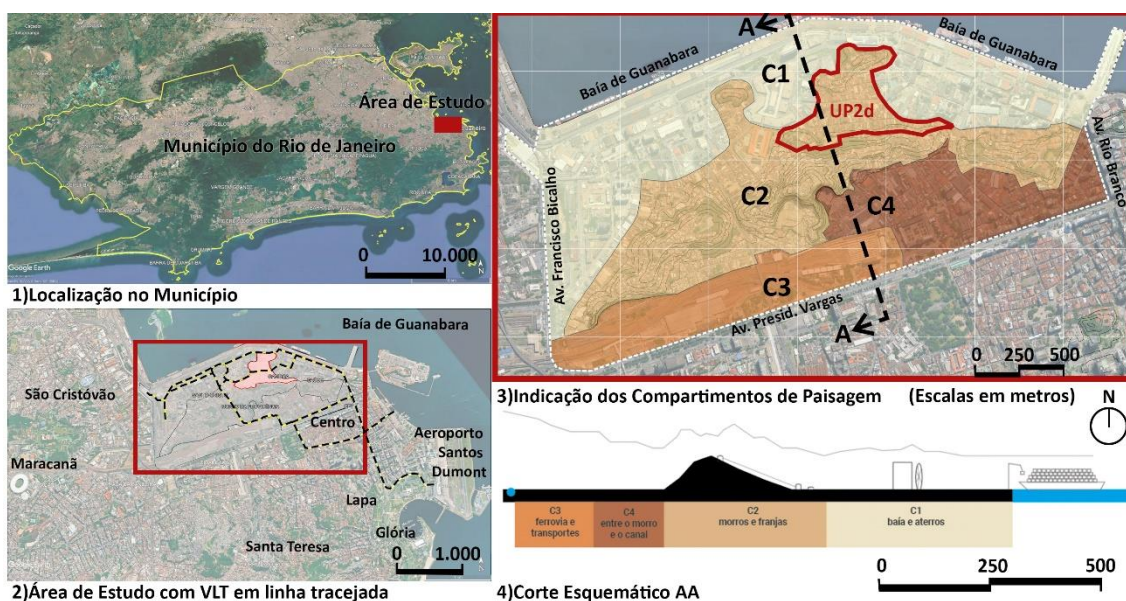
A Região Portuária do Rio de Janeiro constitui uma das áreas mais notórias da formação urbana da cidade, expressando a relação entre processos históricos, estruturas físicas e transformações contemporâneas. Situada entre a base do maciço central e a Baía de Guanabara, a região reflete permanências e rupturas que marcaram o espaço carioca ao longo de mais de quatro séculos. A ocupação sistemática remonta ao século XVII, com atividades portuárias fixadas próximas aos Morros da Conceição e da Saúde. A configuração original baseava-se em faixa estreita entre morros e mar, onde se implantaram trapiches, armazéns e residências ligadas ao comércio marítimo. No século XIX, as transformações políticas e econômicas do Império impulsionaram modernizações que alteraram a morfologia, com sucessivos aterros modificando o contato da cidade com a Baía de Guanabara. Segundo Abreu (2013), essa modernização, pautada pela busca de uma imagem “civilizada”, reconfigurou as áreas centrais sob lógica do capital comercial, circulação e produtividade.

A industrialização das primeiras décadas do século XX consolidou o uso produtivo da área, mas a posterior desindustrialização e o deslocamento das atividades marítimas promoveram o esvaziamento e a obsolescência de muitas estruturas. A paisagem, marcada por galpões desativados e fragmentos residenciais, passou a expressar uma cidade em transição. No início do século XXI, a Operação Urbana Porto Maravilha introduziu intervenções voltadas à requalificação e valorização imobiliária, instaurando uma paisagem contrastante com o entorno e evidenciando a “fricção entre tempos e usos” (Tângari, 2013).

3.2 Compartimentação de Paisagem C2

O método de compartimentalização da paisagem constitui o principal instrumento de análise adotado neste estudo. Proposto por Magalhães, Manetti e Tângari (2013) como ferramenta para leitura integrada do território, parte do reconhecimento da paisagem como estrutura viva e propõe uma abordagem multiescalar. O método organiza-se em dois níveis: compartimentos de paisagem, definidos por características físico-estruturais e homogeneidade topográfica e funcional; e unidades de paisagem, que revelam variações internas. Essa abordagem permite compreender o território como totalidade articulada, em que cada parte expressa a interação entre processos históricos e ambientais. Aplicada à Região Portuária, a compartimentalização identificou quatro compartimentos: (C1) Planície Portuária e Aterros, (C2) Morros e Franjas, (C3) Faixa Ferroviária e (C4) Entorno da Avenida Presidente Vargas. Entre eles, o C2 destaca-se por sua posição de transição entre planície e sistema de morros históricos, sintetizando contradições do território portuário.

Fig.1: Compartimentação da paisagem da área portuária do Centro do Rio de Janeiro.



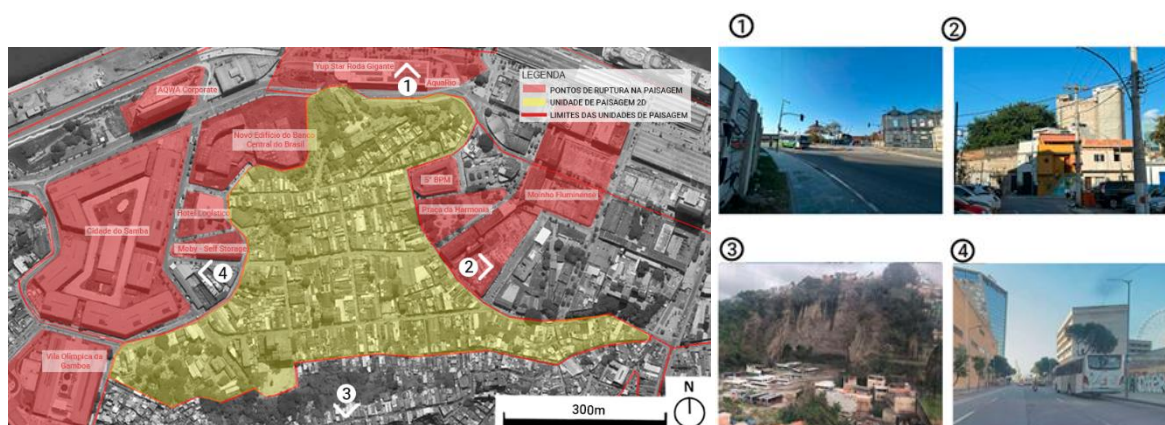
Fonte: Autores, 2025. Base do Google Earth.

A leitura desse compartimento revela o que (Magalhães; Manetti; Tângari, 2013) descreve como “engenho morfológico”, a capacidade da paisagem de absorver mudanças sem perder coerência estrutural. Esse compartimento de paisagem é, portanto, o espaço onde as dinâmicas de permanência e transformação se manifestam com maior intensidade. Nele, o contraste entre camadas físicas (morros, planícies e aterros) e usos atuais (residenciais, industriais e culturais) cria um campo de tensões que define a identidade da região. Essa condição de compressão e coexistência caracteriza enclaves e pregnâncias: enclaves como porções de resistência e pregnâncias como permanências estruturantes que mantêm a legibilidade da paisagem.

3.3 Unidade de Paisagem 2d

A Unidade de Paisagem 2d, inserida no Compartimento C2, constitui o recorte analítico que permite observar de forma mais detalhada a aplicação do método e suas implicações para a leitura territorial. Localizada entre os morros do Livramento e da Saúde, essa unidade apresenta um caráter de transição, definida por sua posição comprimida entre estruturas diversas. A análise dessa unidade de paisagem demonstra que ela é um espaço tensionado por quatro frentes principais: as encostas dos morros, a orla portuária, as estruturas industriais remanescentes e os novos empreendimentos turísticos e do mercado imobiliário. Essa condição de compressão espacial e visual constitui o principal traço de sua identidade paisagística. A borda sul da unidade é delimitada pelo sistema de morros, que atua como pano de fundo e limite físico. As encostas determinam a orientação visual e organizam o sentido de profundidade da paisagem, ao mesmo tempo em que impõem restrições à expansão do tecido urbano. Em direção oposta, a orla portuária introduz uma morfologia vertical e monumental, que contrasta com a escala doméstica das edificações da UP2d. Nas bordas laterais, o encontro com antigas estruturas fabris reforça o contraste entre diferentes camadas da paisagem. Os galpões e armazéns industriais, morfologicamente expressivos, funcionam como marcos e barreiras, limitando a continuidade visual e a permeabilidade do espaço.

Fig.2: Mapa de relação de fronteiras e rupturas.



Fonte: Autores, 2025. Base do Google Earth.

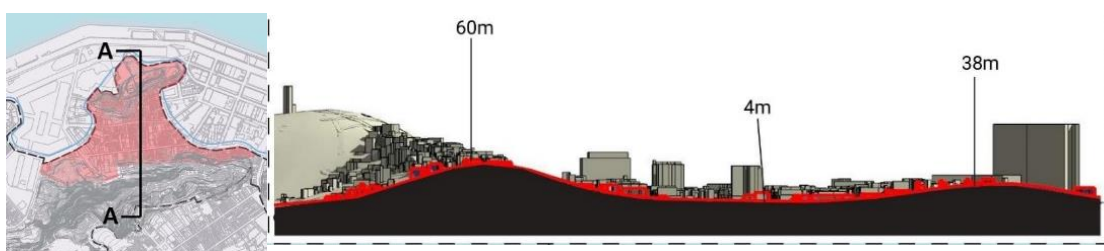
A leitura dessa unidade evidencia o que Magalhães, Manetti e Tângari (2013) descrevem como a capacidade da paisagem de revelar “a coerência entre forma, função e percepção” em contextos de grande complexidade. A Unidade de Paisagem 2d sintetiza em escala reduzida as tensões e coexistências que definem o território portuário: a sobreposição entre o natural e o artificial, o antigo e o novo, o local e o global. Sua condição de enclave, resultante do engessamento morfológico e compressão entre diferentes sistemas espaciais, expressa a própria dialética da paisagem portuária, território em que tempo e forma se entrelaçam de modo contínuo.

4. Análise da Unidade de Paisagem 2d

4.1 Suporte Físico

A região em estudo nomeada como UP 2d neste artigo apresenta uma topografia majoritariamente plana, situada entre dois acidentes geográficos: o Morro do Livramento, ao sul, e o Morro da Saúde, ao norte. No eixo Norte-Sul (fig.3), o perfil revela um acentuado íngreme em direção ao Morro do Livramento e, de modo mais suave, uma elevação gradual em direção ao Morro da Saúde, de menor gabarito. O acesso ao condomínio “Moradas da Saúde”, no topo do Morro da Saúde, ocorre por meio da “Ladeira do Morro da Saúde”, trecho onde a inclinação se torna mais acentuada. No eixo Leste-Oeste, a área encontra-se delimitada por zonas de aterro (fig.4) que ultrapassam os limites do setor 2d, configurando um espaço cercado. De um lado, acidentes geográficos e, de outro lado, grandes áreas planas resultantes de aterros, com quadras e edifícios destoantes. A partir destas conformações, evidencia-se a noção de enclave topográfico e morfológico.

Fig.3: Corte AA, eixo norte-sul. Alturas aproximadas dos pontos topográficos



Fonte: Intervenção autoral sobre maquete digital obtida no site CADMAPPER, 2025.

Fig.4: Mapeamento das áreas aterradas ao longo dos anos



Fonte: Intervenção autoral sobre base do site Imagine Rio, 2025. RICE UNIVERSITY.

A evolução topográfica do entorno da região 2d reflete as transformações nas instituições, no comércio e na habitação ao longo do tempo. Desde os primeiros momentos de ocupação, foram construídos deques destinados ao apoio do comércio marítimo, posteriormente substituídos por aterros no início do século XX (Abreu, 2013). Essa alteração integrou um conjunto mais amplo de transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro e modificou intensamente o perfil morfológico da orla.

4.2 Estrutura Morfológica

Fig.5: Mapas de Figura-Fundo da área de estudo



Fonte: Intervenção sobre base cadastral da Prefeitura do Rio de Janeiro. Autores, 2025.

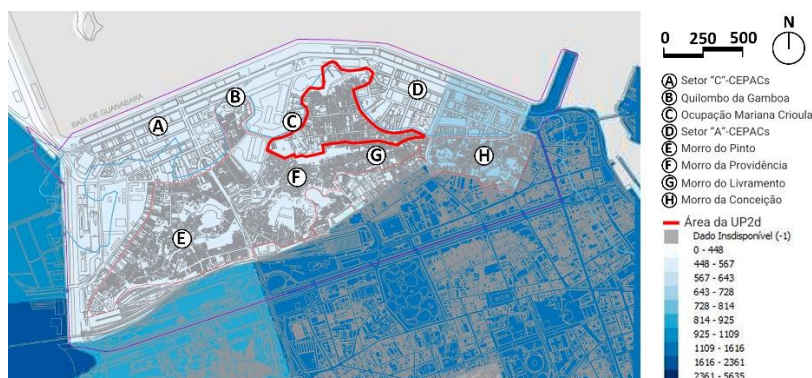
A estrutura morfológica da área de estudo se caracteriza pelo contraste entre as suas quadras com lotes majoritariamente estreitos/ alongados (semelhantes a loteamentos mais antigos da cidade e presentes ainda no séc. XIX) e grandes quadras (provenientes dos aterros) em seu entorno imediato.

A matriz configura um tecido urbano histórico consolidado, compacto, característico da ocupação de influência portuguesa ainda praticada no séc. XIX. Quadras amplas e densificadas, com poucas áreas livres e vegetação restrita a áreas pontuais na UP analisada - em especial, no interior de áreas privadas, como o condomínio Moradas da Saúde, ao norte. Seus corredores consistem em ruas relativamente lineares, regulares e estreitas, compondo quadras de uma aparência ortogonal facilmente identificável. Nas extremidades norte e sul as ruas se conformam ao relevo do suporte físico. A região apresenta alguns lotes desocupados, com vegetação espontânea, em condições de acesso restrito. Pontualmente observa-se fachadas históricas em estado de arruinamento, cujo interior já não existe mais. Considera-se também o caráter morfológico distinto das 2 quadras onde se situam o Cemitério dos Ingleses e o condomínio Moradas da Saúde.

4.3 Conflitos Socioambientais

A área integra a Área de Proteção do Ambiente Cultural – Bairros: Saúde, Almirante Gamboa, Almirante Santo Cristo e Centro (APAC Sagas) e apresenta forte fragmentação territorial, com casarões em deterioração, sítios arqueológicos, edificações abandonadas. Há contrastes entre trechos que receberam investimentos recentes (como a Rua Pedro Ernesto e o VLT) e outros marcados por vulnerabilidade, como a Rua do Livramento. A região evidencia desigualdade socioeconômica: em 2010 a renda per capita variava entre R\$ 448 e R\$ 567 (FGV Social/CPS, 2010), revelando disparidades em relação aos bairros vizinhos. Caracterizada como zona de transição entre os morros e os novos empreendimentos da orla, os conflitos socioambientais tornam-se evidentes sobretudo nas bordas da unidade. Há grande vulnerabilidade nas franjas dos morros, associada tanto a riscos ambientais — casos recorrentes de inundações e escorregamentos — quanto à presença de grupos criminosos. Cercada por aterros e encostas, a região é historicamente suscetível a alagamentos, registrados desde o início do século XX e ainda perceptíveis em eventos recentes, como tempestades que provocam quedas de árvores e interrupções viárias (CEPERJ, 2021; Bernardino; Cáscardo, 2025).

Fig.6: Mapa de renda per capita regiões de trabalho e moradia da área de estudo



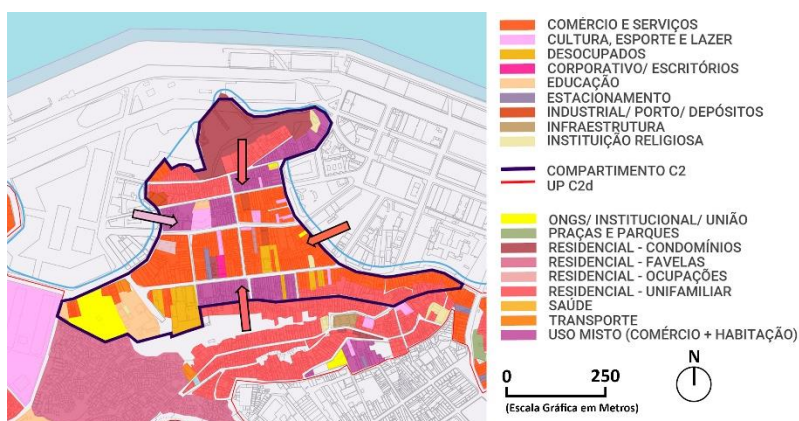
Fonte: FGV Social/CPS a partir dos Microdados do Censo de 2010. Modificado pelos autores, 2025.

Por outro lado, o processo de desindustrialização transformou o recorte em área de transição e reduto de memória diante da intensa financeirização do entorno. A pressão imobiliária, intensificada após o Projeto Porto Maravilha em 2009, reforçou sua condição de enclave — um trecho relativamente estático diante de transformações aceleradas. Esse contraste explica a permanência de muitos imóveis vazios ou subutilizados em um território com infraestrutura consolidada. Nesse cenário, emergem debates e práticas de reivindicação do direito à moradia, com iniciativas que oscilam entre apoio institucional (como o caso da Ocupação Maria Crioula) e ações de remoção, ilustrando tensões entre preservação, permanência e renovação urbana.

4.4 Padrões de Ocupação

Na escala da rua, observa-se a alteração de fachadas, revestimentos e ornamentos, embora a proporção original das aberturas frequentemente permaneça próxima à configuração histórica. Mudanças de uso, como comércio e estacionamentos, podem ampliar vãos, enquanto novas edificações tendem a seguir os loteamentos herdados do século XIX, evitando contrastes significativos na área protegida pela APAC Sagas. Muitos casarões passaram a abrigar usos comerciais, de serviços ou mistos, resultando em adaptações variadas.

Fig.7: Mapa de uso e ocupação do solo.



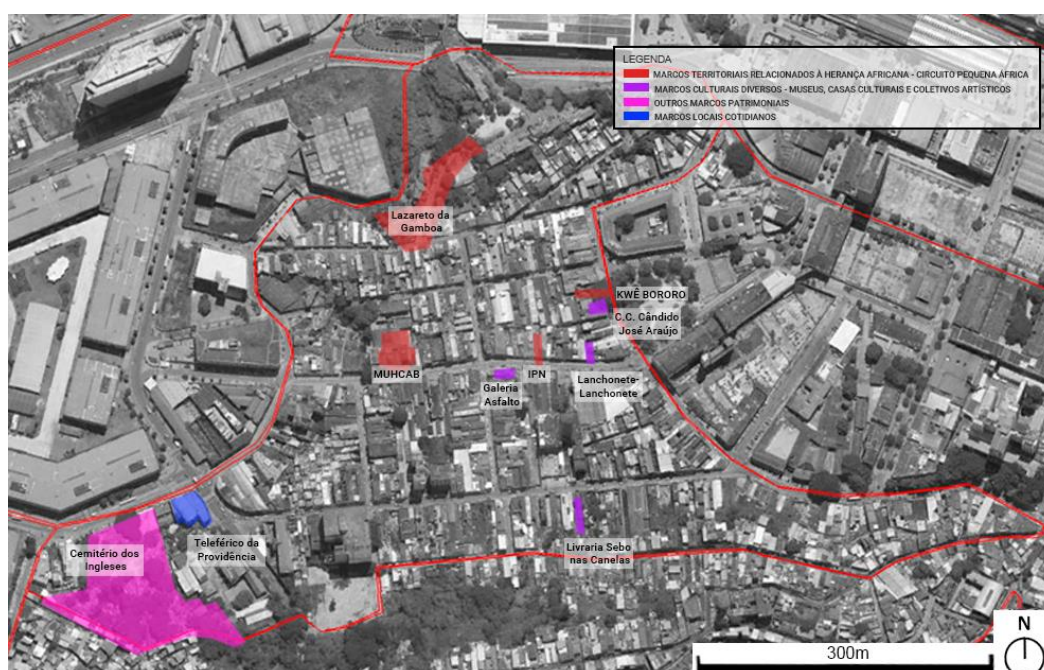
Fonte: Intervenção sobre base cadastral da Prefeitura do Rio de Janeiro. Autores, 2025.

Em sua territorialidade marcada por fronteiras, percebe-se uma zona de transição entre eixos que atravessam a UP2d. Nas áreas próximas aos morros predominam usos residenciais e mistos; na região central, intensificam-se os usos comerciais e culturais. A porção sul apresenta maior fragilidade, com imóveis vazios e deteriorados, enquanto áreas próximas à Rua Pedro Ernesto e Sacadura Cabral têm recebido mais investimentos e iniciativas culturais. Em contraste, trechos como a Rua do Livramento evidenciam o processo de esvaziamento regional. Essa distribuição revela contrastes internos e permanências morfológicas, indicando convivência entre dinâmicas históricas e recentes.

4.5 Signos de Afetividade e Territorialidade

A Unidade de Paisagem 2d integra parte significativa da área reconhecida como Pequena África, território de formação cultural afro-brasileira consolidado na Região Portuária do Rio de Janeiro. A unidade abriga marcos essenciais do Circuito Histórico de Herança Africana, como o Cemitério dos Pretos Novos (IPN), transformado em espaço de pesquisa e musealização, e o Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB), que atua como centro de difusão cultural e preservação da memória afro-brasileira. Além desses equipamentos, a UP2d reúne diversos pontos de sociabilidade e práticas culturais cotidianas, como o Teleférico da Providência, o Cemitério dos Ingleses, a Livraria Sebo nas Canelas e a Lanchonete Lanchonete. Esses lugares constituem uma rede de convivência e permanência que reforça a identidade cultural da unidade. A requalificação urbana recente voltada ao turismo e à valorização imobiliária tem provocado transformações na paisagem, mas a presença de marcos culturais afro-brasileiros e o enraizamento das práticas sociais mantêm a área como território de resistência e expressão simbólica. A compressão entre o morro, a orla e novos empreendimentos não apaga essa identidade; ao contrário, evidencia a permanência dos vínculos comunitários e da memória local, mesmo diante das pressões contemporâneas.

Fig. 8: Mapa de locais de afetividade e territorialidade.



Fonte: Intervenção sobre mapa do Google Earth. Autores, 2025.

5. Considerações Finais

A UP2D se apresenta como uma realidade multifatorial e em constante modificação. A paisagem, como elemento social e físico, registra essas transformações e as diferentes camadas de tempo permanecem inscritas em ruas, lotes e quadras. Tendo em vista a complexidade da região portuária do Rio de Janeiro, a compartimentação da paisagem permitiu organizar as premissas de abordagem e delimitar um recorte viável de análise. Embora não esgote as possibilidades interpretativas, o método possibilitou uma primeira aproximação consistente. A divisão em Compartimentos estruturou o entendimento geral do território, enquanto a definição de Unidades de Paisagem evidenciou singularidades internas. A UP2d, em particular, se mostrou um enclave pressionado por fronteiras em transformação.

A condição de integrar a APAC SAGAS ressalta dilemas territoriais, especialmente na relação entre interesses públicos e privados. As marcas dessa tensão se expressam na diversidade de conformações urbanas, seja pela sobreposição de períodos, substituição de casarios e galpões ou composição de elementos contrastantes. As fachadas ecléticas — escoradas, recuperadas ou em ruínas — testemunham a passagem do tempo e sintetizam parte das transformações do território. Os desafios atuais reforçam essa condição: desigualdades socioeconômicas, déficit habitacional e a presença de imóveis vazios contrastam com intervenções recentes, como o VLT. O processo de desindustrialização acentua a sensação de suspensão e espera por uma valorização que não se concretiza, ao mesmo tempo em que o comércio e os serviços mantêm a vitalidade cotidiana da área.

A UP2d integra parte da Pequena África e concentra marcos essenciais da herança afro-brasileira. Entretanto, a distribuição desigual de investimentos reforça disparidades internas, sobretudo nas zonas próximas aos morros. Esse cenário tem impulsionado movimentos de reivindicação por moradia digna, como a Ocupação Maria Crioula, revelando a persistência de vínculos comunitários e práticas de resistência. Nesse sentido, a UP2d constitui efetivamente um palimpsesto urbano, recomposto pela sobreposição de elementos históricos e contemporâneos. Desde o século XVIII até as recentes operações urbanas do Porto Maravilha, observa-se um contínuo processo de reconfiguração. A leitura por compartimentos e unidades permitiu evidenciar as características de um território diverso e tensionado.

A partir das análises, é possível perceber a UP2d como um enclave morfológico e histórico, cujas dinâmicas sociais e simbólicas conformam uma pregnância — permanência estrutural dentro de um contexto em contínua mudança. É possível, portanto, compreender as diferentes atuações econômicas, sociais e simbólicas como fragmentos de tempos distintos que, embora atuem sobre a matriz urbana e a modifiquem, não a descaracterizam por completo — há camadas sedimentadas pelo tempo, em diálogo contínuo. Observamos, a partir disso, a área como um texto aberto, cujas camadas demandam estudo atento para revelar nuances de tempos, afetividades e interesses distintos. Deste modo, evidencia-se na UP2d um caráter poético cuja tensão entre permanência e transformação exemplifica, na escala urbana analisada, dinâmicas recorrentes e sobreposições fragmentárias na evolução urbana do Rio de Janeiro.

Referências bibliográficas

- Abreu, Maurício de Almeida. A evolução urbana do Rio de Janeiro. 4. ed. Rio de Janeiro: IPP, 2013.
- Abreu, Maurício de Almeida. Geografia histórica do Rio de Janeiro (1502–1700). Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997.
- Bernardio, Juliana; Cáscardo, Rafaela. Temporal no Rio causa alagamentos e quedas de árvores e estruturas. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/rj/temporal-no-rio-causa-alagamentos-e-quedas-de-arvores-e-estruturas/>>. Acesso em: 7 set. 2025.
- FUNDAÇÃO CEPERJ. Inundação: dimensionamento, alternativas tecnológicas, políticas públicas e estudos afins na prevenção e controle. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação CEPERJ, 2021.
- Magalhães, Jonathas; Manetti, Cláudio; Tângari, Vera Regina. Compartimentos e unidades de paisagem: método de leitura da paisagem aplicado à linha férrea. Paisagem e Ambiente: Ensaios, São Paulo, n. 31, p. 61–80, 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i31p61-80>.
- Pesavento, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- Rossi, Aldo. A Scientific Autobiography. Cambridge and London: MIT Press, 1981.
- Rossi, Aldo. Uma Arquitetura Analógica. Rowe, Colin; Koetter, Fred. Cidade-colagem. In: Nesbitt, Kate (org.). Uma nova Agenda para a Arquitetura: Antologia teórica 1965-1995. 2.ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- Santos, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- Schlee, M. B.; Souza, M. J.; Rego, A. Q.; Rheingantz, P. A.; Dias, M. A.; Tângari, V. R. Sistema de espaços livres nas cidades brasileiras: um debate conceitual. Paisagem e Ambiente, São Paulo, p. 225–247, 2009.
- Tângari, Vera Regina. Paisagem, infraestrutura verde e resiliência urbana: desafios contemporâneos do planejamento e projeto da paisagem. Revista LABVERDE, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 12–25, 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-2275.v0i6p12-25>.
- FGV SOCIAL/CPS. Mapas elaborados a partir dos microdados do Censo 2010. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Centro de Políticas Sociais (CPS), 2010.
- GOOGLE. Google Earth Pro. [Software]. Mountain View: Google LLC, [s.d.]. Disponível em: <https://earth.google.com/>. Acesso em: 9 set. 2025.
- PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Base cadastral da Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, [s.d.].
- RICE UNIVERSITY. ImagineRio. Houston: Rice University, [s.d.]. Disponível em: <https://imagerio.org/>. Acesso em: 9 set. 2025.